



ESPECIFICIDADES DA PRÁTICA DOCENTE COM ESTUDANTES SURDOS UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO À LUZ DOS ESTUDOS CULTURAIS

SPECIFICITIES OF TEACHING PRACTICE WITH DEAF UNIVERSITY STUDENTS: A STUDY IN THE LIGHT OF CULTURAL STUDIES

DOI: 10.5281/zenodo.21400204



Polliana Barboza da Silva¹
Fernando Rodrigues Tavares²

RESUMO

A organização da prática docente com estudantes surdos requer especificidade, pois professores e professoras precisam pensar e planejar ações, metodologias e recursos que contemplem o processo educacional das pessoas surdas. Nas práticas de sala de aula, os/as professores/as precisam utilizar estratégias visuais, recursos visuais e interação em Língua de sinais. O objetivo deste trabalho é analisar as práticas docentes desenvolvidas com estudantes surdos universitários no curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior privada, com base nas observações realizadas em sala de aula. A pesquisa se inscreve numa abordagem qualitativa, que propicia a compreensão detalhada dos fatos, quanto aos objetivos, a pesquisa é analítica, por entendermos que ela possibilita analisar os fatos ocorridos, além de questionar e problematizar as situações, o que está em consonância com o campo dos Estudos Culturais da Educação. A técnica utilizada foi a observação sistemática realizada em sala de aula, tendo um plano como guia. Os achados da pesquisa revelaram que, embora existam avanços pontuais, as práticas pedagógicas ainda não contemplam plenamente as especificidades linguísticas, culturais e educacionais dos estudantes surdos, permanecendo, em grande medida, centradas na oralidade e na mediação do intérprete de Libras. As práticas pedagógicas com estudantes surdos universitários precisam ser ressignificadas, de forma a valorizar a cultura surda, trazendo assim práticas docentes que possam dar suporte ao processo educacional.

Palavras-chave: Práticas docentes; Estudantes surdos; Estudos Culturais da Educação.

1 Doutoranda em Ensino (UEPB / RENOEN). E-mail: pollianabarboza@hotmail.com.

2 Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática (UEPB). Professor da Educação Básica (Prefeitura Municipal de São José dos Ramos). E-mail: fer-t9@hotmail.com.





ABSTRACT

The organization of teaching practices for deaf students requires specific approaches, as teachers need to design and plan actions, methodologies, and resources that address the educational process of deaf individuals. In classroom settings, teachers should employ visual strategies, visual resources, and interaction through sign language. This study aims to analyze the teaching practices developed with deaf undergraduate students enrolled in the Pedagogy program at a private higher education institution, based on classroom observations. The research adopts a qualitative approach, which enables an in-depth understanding of the investigated phenomena. Regarding its objectives, the study is analytical, as it seeks to examine, question, and problematize the observed situations, in line with the field of Cultural Studies in Education. The data collection technique consisted of systematic classroom observation guided by a structured observation plan. The findings revealed that, although there have been some advances, teaching practices still do not fully address the linguistic, cultural, and educational specificities of deaf students, remaining largely centered on oral communication and on the mediation provided by Brazilian Sign Language (Libras) interpreters. Therefore, pedagogical practices with deaf university students need to be redefined in ways that value Deaf culture and promote teaching practices capable of effectively supporting their educational process.

Keywords: Teaching Practices; Deaf Students; Cultural Studies in Education.

INICIANDO A CONVERSA

Na busca de compreender as múltiplas lentes de discussões sobre as pessoas surdas, além das que estão no entorno da concepção clínica, de corpo danificado, da deficiência auditiva, é que utilizamos o campo dos Estudos Culturais como suporte teórico e político para analisar e problematizar as questões que envolvem o processo educacional de pessoas surdas.

De acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003) os EC buscam o rompimento com a visão hegemônica e segregacionista, tendo como foco valorizar as práticas culturais das pessoas e grupos. Para tanto, os Estudos Culturais buscam questionar concepções elitistas e cristalizadas acerca de diversos problemas, além de trazer para a pauta central, discussões que envolvem os grupos que estão às margens da sociedade, e/ou pessoas que fazem parte de pequenos grupos, como é o caso das pessoas surdas, negras, quilombolas, homossexuais, mulheres e as questões de gênero.

No complexo que envolve a contemporaneidade, os EC oportunizam a compreensão da sociedade, trazendo as questões de identidade, diferença e cultura, como elementos que





marcam a vida das pessoas. De acordo com Romário e Dorziat (2018, p.319) “aplicados à educação contemporânea, os Estudos Culturais passam a problematizar outras questões culturais, para além da hierarquização entre alta e baixa cultura. A identidade e a diferença, por exemplo, passam a ser algumas das categorias centrais deste campo”. Deste modo, o processo educacional faz parte deste emaranhado tão complexo e híbrido, requerendo cada vez mais um trabalho direcionado para as identidades e as diferenças, entre elas a diferença surda.

Neste contexto, a presença de estudantes surdos no âmbito do Ensino Superior vem crescendo constantemente. De acordo com o censo da Educação Superior (2023) dos 92.756 estudantes matriculados nos cursos de graduação, 2.637 são surdos e 1.179 são surdocegos. Já o censo da Educação Superior (2024) apresenta que, dos 95.572 estudantes com deficiência matriculados nos cursos de graduação, 2.377 são surdos e 734 são surdocegos. Tendo em vista esse crescimento são necessárias discussões sobre o desenvolvimento das práticas docentes com estudantes surdos universitários. Essas são ações importantes no processo educacional, pois é através dessas práticas que o trabalho docente é direcionado.

Em consonância com o campo dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos compreendemos que as pessoas surdas são seres histórico-culturais, ou seja, são pessoas que tem seus modos de vida e experiências que lhes são peculiares. A cultura surda se refere justamente aos modos de organização e apreensão do conhecimento de mundo das pessoas surdas que são diferentes das ouvintes. Como afirma Strobel (2016, p.29): a cultura surda “é o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas”.

A ampliação do acesso de estudantes surdos ao Ensino Superior representa uma importante conquista das políticas de inclusão, porém sua permanência e aprendizagem ainda constituem desafios para as instituições e para a prática docente. Embora a presença do intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) tenha favorecido o acesso aos conteúdos,





esse recurso, por si só, não garante a efetivação de práticas pedagógicas que considerem as especificidades linguísticas, culturais e identitárias dos estudantes surdos.

Nesse contexto, muitos professores universitários continuam desenvolvendo suas aulas com metodologias centradas na oralidade e em pressupostos pedagógicos voltados aos estudantes ouvintes, limitando as possibilidades de participação e aprendizagem dos estudantes surdos. Sob a perspectiva dos Estudos Culturais da Educação, que compreendem a diferença como uma construção social, histórica e cultural e problematizam as relações de poder presentes nos espaços educativos, torna-se necessário compreender de que maneira as práticas docentes têm sido organizadas diante da presença desses estudantes. Assim, emerge a seguinte questão de pesquisa: de que modo as práticas docentes com estudantes surdos universitários são desenvolvidas no curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior privada, considerando as especificidades linguísticas, culturais e educacionais da comunidade surda?

Para dar sustento a questão de pesquisa, apresentamos como objetivo geral: analisar as práticas docentes desenvolvidas com estudantes surdos universitários no curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior Privada, com base nas observações realizadas em sala de aula. Especificamente buscamos: Identificar as práticas docentes desenvolvidas com estudantes surdos universitários; Problematizar as práticas docentes com estudantes surdos universitários considerando suas especificidades linguísticas, culturais e educacionais.

A motivação que nos levou a pesquisar este fenômeno se deu com base em nossas experiências enquanto docentes, pois ficávamos inquietos ao vermos estudantes surdos sendo excluídos do processo educacional. Pautados/as nessa motivação e inquietação é que esperamos que o presente trabalho contribua para uma reflexão acerca do desenvolvimento de práticas pedagógicas com estudantes surdos, fazendo com que as pessoas compreendam que a prática docente requer especificidade pedagógica.

A metodologia utilizada nesse estudo se pautou na abordagem qualitativa por compreender que esta se aproxima das ideias recorrentes nos Estudos Culturais, e também por





possibilitar uma maior aproximação e compreensão acerca do fenômeno. A técnica utilizada foi à observação sistemática em sala de aula.

O presente trabalho apresenta primeiramente, em sua introdução, uma contextualização acerca do objeto de estudo, na sequência realiza uma discussão, entrelaçando os Estudos Culturais e Estudos Surdos, traz reflexões sobre as relações de poder e a especificidade da prática docente com estudantes surdos universitários, apresenta os percursos metodológicos da pesquisa e os resultados e discussões.

TECENDO APROXIMAÇÕES ENTRE OS ESTUDOS CULTURAIS E OS ESTUDOS SURDOS

Para fundamentar este estudo nos pautamos nas ideias de autores/as como: Silva (2014), Costa, Silveira e Sommer (2003), Costa (2011) e Hall (2011), por apresentarem os Estudos Culturais, como um campo de estudo que busca problematizar as situações encontradas, levantando questões que envolvem as identidades, a diferença e cultura, como também por trazerem para o centro das discussões os grupos que estão às margens da sociedade.

Utilizamos também autores/as dos Estudos Surdos como: Dorziat (2009), Romário e Dorziat (2016), Strobel (2016), Santiago e Pereira (2015) e Perlin (2013) por abordarem a pessoa surda numa perspectiva cultural.

Como já discutidos anteriormente, os Estudos Culturais constituem um campo teórico-político que possibilita a compreensão de fenômenos por várias lentes, oportunizando discussões, problematizações e reflexões em diversos contextos. Nesta direção Costa (2011, p.107) apresenta que os Estudos Culturais - EC constituem como peculiaridades “a vocação para o cruzamento de fronteiras, para uma hibridização de temas, problemas e questões, para um certo tipo de pós ou antidisciplinaridade e para uma rejeição aos cânones”. Para tanto, os EC lutam na guerra contra o cânone, ou seja, lutam contra as concepções hegemônicas que exercem o poder e ditam as regras que suprimem e desvalorizam as minorias. Os EC buscam





trazer para o centro, a voz desses grupos que são desprezados pela sociedade, problematizando e questionando as situações que os envolvem.

Segundo Costa, Silveira e Sommer (2003) Os EC em educação ressaltam as questões de identidade, cultura, diferença, representação e discurso de forma articulada, constituindo o primeiro plano em tela do campo pedagógico.

Sobre a identidade na pós-modernidade Hall (2011) afirma que estas não são unificadas e estáveis, pelo contrário, são multifacetadas, estando em constante mudança. Nesse viés a educação contemporânea traz como desafio o trabalho com as identidades presentes em sala de aula, estas são construídas nas relações sociais, e os/as docentes precisam compreender esse processo que não é fixo. Deste modo, “a existência de uma identidade unificada passou a ser vista como uma mera fantasia: não há um núcleo essencial do eu, estável, que passe, do início ao fim, sem mudança, por todas as vicissitudes da história” (Moreira, 2011, p.127).

A cultura no campo dos EC é vista como organizações, modos de vida dos grupos e pessoas. Strobel (2016, p.23) apresenta que: “os elementos mais importantes da cultura podem ser destacados como as habilidades dos sujeitos para construir sua identidade em usar a linguagem”. Portanto, a cultura está a nossa volta e dentro de nós.

A diferença, por sua vez não pode ser separada da identidade, pois é marcada pela diferença. De acordo com Silva (2014) a identidade e a diferença são criações sociais e culturais, sendo que a diferença é um produto derivado da identidade. Para tanto, a identidade é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença.

Os Estudos Surdos constituídos no campo dos EC compreendem as pessoas surdas em seus aspectos socioculturais, ou seja, como pessoas que possuem modos de organização próprios. Nesta direção, Skliar (1998, p. 5) apresenta que:

Os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político.





Para tanto, os Estudos Surdos valorizam a História Cultural das comunidades surdas, compreendendo-as em suas diferenças. Isto implica o reconhecimento das identidades surdas, da língua de sinais e modos de conhecimento de mundo.

Nesta direção, Perlin (2013) argumenta que é preciso que saíamos da concepção clínica de surdo e surdez, pois esta traz a ideia de corpo danificado, perpetuando assim apenas a questão da deficiência. A concepção socioantropológica de surdo e de surdez é que nos proporcionará compreender a importância da cultura surda.

Considerando o processo educacional, como amplo, em que vários aspectos estão envolvidos: relação professor-aluno, identidades, diferenças, cultura, estratégias de ensino, comunicação é que pensamos na especificidade do trabalho docente com estudantes surdos.

Conforme afirmam Santiago e Pereira (2015, p. 56): “os conhecimentos acerca das peculiaridades do mundo surdo tornam-se indispensáveis na orientação da prática pedagógica direcionada a essa comunidade”. É preciso compreender que a forma com que os/as estudantes surdos aprendem não é igual à dos/as estudantes ouvintes.

Sobre a especificidade do trabalho pedagógico com surdos, Romário e Dorziat (2016, p. 60) afirmam: “a visualidade como estratégia docente é fundamental para as alunas Surdas e alunos Surdos compreenderem as informações e os conhecimentos escolares”. É preciso que professores e professoras promovam a participação desses alunos nas aulas, e esta participação só é possível quando as aulas são trabalhadas através de estratégias visuais, utilização da língua de sinais no diálogo, do suporte do intérprete de Libras, e, sobretudo quando se reconhece a cultura surda no processo educacional.

RELAÇÕES DE PODER E ESPECIFICIDADE DA PRÁTICA DOCENTE COM ESTUDANTES SURDOS UNIVERSITÁRIOS: ALGUMAS REFLEXÕES

A discussão sobre a prática docente com estudantes surdos universitários exige compreender que a sala de aula não é um espaço neutro, mas um território atravessado por relações de poder, discursos, identidades e disputas culturais. À luz dos Estudos Culturais, a pre-





sença de estudantes surdos no Ensino Superior tensiona práticas pedagógicas tradicionalmente organizadas pela lógica ouvinte, oralizada e centrada na língua portuguesa como principal meio de comunicação. Nesse contexto, a diferença surda não pode ser compreendida apenas pelo viés da deficiência, mas como uma diferença linguística, cultural e identitária que requer outras formas de ensinar, interagir e produzir conhecimento.

No Brasil, a Libras é reconhecida legalmente como “meio legal de comunicação e expressão”, sendo definida como uma língua de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria e oriunda das comunidades surdas brasileiras (Brasil, 2002). Essa definição desloca a compreensão da surdez de uma perspectiva meramente clínica para uma perspectiva linguística e cultural, pois reconhece que a pessoa surda interage com o mundo por meio de experiências visuais e manifesta sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais.

Desse modo, as relações de poder aparecem quando as práticas docentes continuam privilegiando exclusivamente a oralidade, a exposição verbal, textos sem mediação visual e metodologias pensadas para estudantes ouvintes. Nessa lógica, o estudante surdo é inserido no espaço universitário, mas nem sempre tem garantidas as condições pedagógicas necessárias para participar ativamente da aula. Assim, a inclusão pode se limitar ao acesso físico ou à presença do intérprete, sem alterar profundamente a organização didática, os recursos utilizados e os modos de interação entre professores/as, intérpretes e estudantes surdos.

Neste contexto, Santos (2025) discute em sua pesquisa de doutorado que, a inclusão do estudante surdo em sala de aula está relacionada ao acesso à instituição e a língua de sinais. No que se refere ao acesso ao saber matemático durante as aulas, está “[...] comprometido pela dificuldade do professor para organizar e implementar um projeto de aula que inclua efetivamente a aluna surda em condições de igualdade e equidades com os demais alunos ouvintes” (Santos, 2025, p.10). Essas dificuldades que o professor enfrenta pode estar relacionada a formação inicial ou continuada, ao suporte pedagógico que recebe, a compreensão das especificidades de aprendizagem das pessoas surdas e as escolhas das estratégias e metodologias de ensino numa perspectiva inclusiva.





A Lei Brasileira de Inclusão (2015) reforça a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas, formação de professores, disponibilização de intérpretes de Libras, ensino de Libras, uso de tecnologia assistiva e igualdade de acesso à Educação Superior. Esses elementos indicam que a responsabilidade pela inclusão não deve recair apenas sobre o estudante surdo ou sobre o intérprete, mas sobre toda a instituição e sobre a prática docente.

Nesse sentido, a especificidade da prática docente com estudantes surdos universitários implica a utilização de estratégias visuais, materiais imagéticos, esquemas, slides acessíveis, vídeos legendados, interação em Libras, organização espacial adequada da sala e planejamento que considere o tempo de visualização entre professor/a, intérprete, quadro, material didático e colegas. Pesquisas recentes sobre acessibilidade comunicacional para estudantes surdos no Ensino Superior apontam que os ambientes acadêmicos podem gerar sobrecarga visual e cognitiva quando o estudante precisa dividir a atenção entre intérprete, materiais, tarefas e explicações simultâneas.

Neste sentido, Barboza (2018, p.108-109) ressalta que:

Esta situação de olhar ao mesmo tempo para vários pontos de informação não se trata de uma dificuldade diretamente atribuída ao estudante surdo, mas de um contexto que impõe práticas ainda engessadas. Apresenta-se, então, um indício de que é preciso ter cuidado com as metodologias que o/a professor/a vai utilizar no contexto inclusivo, e também é importante o suporte que o/a professor/a irá ter da instituição para pensar, elaborar e/ou escolher essas metodologias.

Assim, a prática docente precisa ultrapassar uma visão instrumental da inclusão e assumir uma perspectiva cultural, reconhecendo que ensinar estudantes surdos exige reorganizar os modos de comunicação, mediação, participação e as estratégias de ensino.

Corrêa e Dantas (2023, p.190) consideram que a inclusão do estudante surdo requer uma [...] reorganização das atividades, pelas instituições e pelo professor, em função dessa especificidade linguística do estudante surdo. Tais atividades variam desde o planejamento das aulas, pelo professor, até a mediação em sala de aula, com o apoio do intérprete”. Sem esse





olhar para a especificidade das pessoas surdas, o ensino não poderá contemplá-los, evidenciando, assim, as relações de poder que privilegia mais um grupo do que outro.

Essas relações de poder, presentes na prática docente com estudantes surdos universitários se evidenciam quando a cultura ouvinte se apresenta como norma e a cultura surda aparece como adaptação. Romper com essa lógica exige ressignificar a docência universitária, valorizando a Libras, a visualidade, a identidade surda e a participação ativa desses estudantes no processo educativo. Dessa forma, a prática pedagógica deixa de ser apenas transmissão de conteúdos e passa a se constituir como espaço de reconhecimento, negociação cultural e produção de sentidos, contribuindo para uma inclusão que não apenas integra, mas transforma as relações acadêmicas.

PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Delineando os caminhos para a presente pesquisa, pensamos na abordagem qualitativa por possibilitar o encontro do/a pesquisador/a com os/as participantes e o campo de pesquisa. De acordo com Denzin e Lincoln (2006, p.17) apresentam que a mesma envolve:

[...] o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos.

Neste contexto, a pesquisa qualitativa oportuniza uma compreensão mais detalhada do fenômeno por considerar vários pontos de vista, vivências e narrativas das pessoas que se encontram no lócus.

Utilizamos a pesquisa analítica, quanto aos objetivos, por entender que ela possibilita analisar os fatos ocorridos, além de questionar e problematizar as situações, o que está em consonância com o campo dos Estudos Culturais da Educação.





A técnica utilizada foi à observação sistemática realizada em sala de aula, tendo um plano de observação como guia. Na perspectiva de Laville e Dionne (2007, p.177) a observação sistemática oportuniza ao pesquisador/a:

Conhecer bem o contexto em que vai operar e conhecer também os aspectos que deverão chamar sua atenção no comportamento das pessoas. Pode, portanto, preparar um plano bem determinado de observação: adaptado às circunstâncias e ao objeto de estudo, esse instrumento vai permitir-lhe fazer uma ordenação de dados antecipada dentro o fluxo de informações e selecionar as que são pertinentes.

Para tanto, a observação sistemática permite que o pesquisador realize suas observações de vários ângulos, com o objetivo de ver e perceber o fenômeno por vários focos, além de possibilitar estar em contato com os fatos em tempo real. O plano de observação é um instrumento fundamental na ação de observar, pois apresenta os principais focos desta atividade, sendo possíveis as anotações, os comentários e inferências.

Os dados advindos das observações realizadas foram analisados com base nos Estudos Culturais e Estudos Surdos.

Os participantes da pesquisa foram três professoras que lecionavam no Curso de Licenciatura em Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior Privada, na oportunidade as chamamos de: Paola, Priscilla e Penélope³ como também três estudantes surdos, os/as quais nomeamos de: Silvano, Séfora e Suellen. Estes estudantes estavam cursando o último semestre.

A professora Paola era formada em História, tinha 32 anos de idade, estava lecionando no ensino superior a precisamente um mês e não conhecia língua de sinais. A professora Priscilla também era formada em História, tinha 42 anos de idade, e tinha entre 10 a 15 anos de experiência no magistério superior e também não conhecia a língua de sinais. Já a professora Penélope era formada em Pedagogia, tinha 28 anos de idade e 3 anos de experiência no magistério superior e conhecia a língua de sinais (Libras).

3 Nomes fictícios.





Quanto aos estudantes surdos, Silvano tinha 32 anos e cursava o último período do curso de Pedagogia e também estava no 2º período do curso de Letras Libras numa universidade pública. Séfora tinha 33 anos de idade e também estava no último período do curso. Suellen tinha 31 anos de idade, cursando o último semestre do curso. Os três estudantes surdos eram fluentes na Libras.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base nas observações sistemáticas realizadas em sala de aula apresentamos três situações: a situação 1 encontrada na aula da professora Paola; a situação 2 em ocasião da aula da professora Priscilla e a situação 3 com a professora Penélope. Estas são apresentadas nos quadros, seguidos das análises.

Vejamos agora a situação 1 em decorrência da aula da professora Paola.

Quadro 1 – Situação de aula 1 – Professora Paola

Aula de Estágio Supervisionado com a professora Paola
Paola tenta dar início a explicação dos relatórios de estágio, pede silêncio e a atenção de todos. Os estudantes surdos estão juntos ao intérprete, os mesmos estão sentados bem próximos, nas cadeiras da frente e de frente para o intérprete. Paola realiza a explicação das três etapas do estágio através de fichas, estas são entregues a todos os estudantes. No decorrer da explicação alguns estudantes falam alto, outros ficam com dúvidas, Paola para a explicação e pergunta sobre o que não estão compreendendo. Alguns estudantes ouvintes realizam perguntas sobre a ficha de relatório do estágio I e tiram suas dúvidas. O intérprete de Libras continua realizando toda a interpretação da aula. Silvano pede licença e faz suas perguntas a Paola, e o intérprete realiza a interpretação, o restante da turma percebe os questionamentos de Silvano. Ele, por sua vez, faz sinal de que entendeu. Séfora pede para o intérprete perguntar sobre os prazos da entrega dos relatórios a Paola. Após este momento, Paola continuou a explicação passando para as fichas 2 e 3.

Dados da pesquisa (2025).

Na situação acima é evidente que a relação/comunicação entre estudantes surdos e professora acontece através da mediação do intérprete de Libras. A professora Paola, no decorrer da aula, por não conhecer a língua de sinais utilizou apenas a oralidade como instrumento de comunicação, o que é comum à maioria das pessoas presentes em sala de aula.





Nesta direção, compreendemos, assim como Santiago e Pereira (2015), que para considerar o processo educacional das pessoas surdas se faz necessária a comunicação entre professor e estudante surdo com a mediação do intérprete de Libras, não transferindo ao intérprete a responsabilidade total na comunicação com os estudantes surdos.

Observamos que nesta aula, a professora não utiliza metodologias e recursos específicos, estratégias de ensino visuais em consonância com os conteúdos abordados. O que poderia ajudar no processo educacional dos estudantes surdos, se fossem utilizados de forma contextualizada. Por isso, entendemos assim como Dorziat (2009, p.43), que o processo educacional está longe de “considerar o outro em seus esquemas de ação, as suas diferenças linguísticas, culturais e sociais, de modo a contribuir para preencher os vazios ideológicos, epistemológicos e curriculares presentes nas escolas, em direção a real política transformadora, menos excludente”.

Compreendemos também que essas ações oralistas e elitistas ainda presentes na educação é fruto de uma história decorrente das concepções do oralismo, que perpetuou por muito tempo. Essa concepção enfocou o método oral como estratégia de ensino absoluta na educação das pessoas surdas. Essas questões oralistas continuam presentes na situação 2, em ocasião da aula da professora Priscilla, mas começamos a observar algumas estratégias de ensino visuais, mesmo que sutilmente.

Quadro 2 – Situação de aula 2 – Professora Priscilla

Situação 2 – Aula de Gestão Educacional com a professora Priscilla
Priscilla recomeça a aula falando sobre a importância do trabalho na escola, um trabalho articulado, o gestor como líder e a valorização do grêmio estudantil. A escola pública é para todos e envolve os diferentes sujeitos de uma comunidade. Neste momento, o intérprete está interpretando todas as falas de Priscilla para Silvano, Séfora e Suellen, mas apenas Séfora e Suellen estão atentas e demonstrando compreensão, enquanto que Silvano está no telefone com o aplicativo <i>Whatsapp</i> . Neste momento são entregues os kits para estudo, imediatamente Silvano solta o telefone para manusear o material. Priscilla explica o conteúdo do material e aponta para a tela de projeção, a mesma preparou o conteúdo em slide com base nos textos distribuídos. Os slides além dos textos contêm imagens para melhor visualização dos estudantes surdos. Os estudantes surdos olham para a tela, apostila e intérprete. Assim sendo, Priscilla explica a função da gestão da escola, o que a gestão deve promover para a comunidade, a relação com os pais. Na sequência 3 (três) estudantes ouvintes interagem, estes citam exemplos da gestão de suas respectivas escolas. Priscilla, por sua vez, também relata uma experiência vivenciada na escola. Séfora e Suellen acompanham a explicação por meio do intérprete.

Dados da pesquisa (2025).





Nesta situação, observamos novamente a oralidade como o instrumento principal de comunicação. Mas, observamos também alguns indícios de estratégias visuais presentes na apresentação em *Power point*, havendo a presença de imagens referentes ao tema trabalhado por Priscilla. Em sua explicação, ela conseguiu contextualizar as imagens ao tema trabalhado. Observamos, que os/a estudantes surdos/a permaneceram atentos/a as explicações durante a aula, olhando para as imagens e prestando atenção no intérprete. Este resultado nos faz pensar no que afirmam Santiago e Pereira (2015, p. 52):

É fundamental que o professor, antes de escolher sua metodologia de ensino, leve em consideração as particularidades de causa, momento, condição e identidade do surdo, pois essas peculiaridades de complexa abrangência influenciam de modo diferente a maneira dele lidar com o mundo à sua volta. Portanto, não é possível tratar os diferentes sujeitos surdos a partir das mesmas práticas metodológicas.

A prática docente com estudantes surdos requer planejamento, escolha de metodologias de ensino que alcancem as formas de aprendizagem deste grupo, é necessário planejar e lecionar tendo no “coração” o conhecimento das peculiaridades do mundo surdo.

Para tanto, de acordo com Romário e Dorziat (2016, p.60) “a visualidade como estratégia docente é fundamental para as alunas Surdas e alunos Surdos compreenderem as informações e os conhecimentos escolares”. No entanto, essa estratégia precisa estar em consonância com o contexto e com a língua de sinais.

Pensando nas estratégias de ensino específicas para estudantes surdos, considerando a visualidade e a língua de sinais em sala de aula para uma relação dialógica e de aprendizagem é que apresentamos a situação de aula 3 da professora Penélope. Ela conhece a Libras e a utiliza no diálogo em sala de aula.

Quadro 3 – Situação de aula 3 – Professora Penélope

Situação 3 – Aula de Didática e Letramento Infantil com a professora Penélope

Penélope entra na sala de aula, dá bom dia a todos oralmente e em Libras, pois os estudantes surdos já estão em sala. Pergunta se estão bem e como passaram a semana. Alguns estudantes ouvintes chegam perto de Penélope e ficam em volta conversando. Em seguida, Penélope conversa com o intérprete sobre a aula dando algumas orientações. Monta o aparelho de projeção e *notebook* para dar Início a aula. Penélope vai junto a Silvano, Séfora e Suellen e conversa um pouco em Libras. Após essas ações Penélope inicia a aula com o momento da





acolhida, pede a ajuda de Silvano para entregar as mensagens de reflexão enquanto que 1 (um) estudante ouvinte entrega os bombons. Todos são convidados a ler a mensagem, os alunos surdos acompanham a leitura através do intérprete. Após a leitura, Penélope deixa o espaço aberto para os estudantes comentarem. Sendo assim, 4 (quatro) estudantes ouvintes e Suellen também comentam. Em seguida Penélope realiza seus comentários e adentrou no momento de oração e todos uniram os pés, para fazer a oração do Pai nosso em Libras. Em seguida, Penélope deu alguns avisos sobre o horário utilizando a Libras e a Língua Portuguesa, na forma oral.

Dados da pesquisa (2025).

Na situação de aula acima, observa-se que, a professora Penélope conhece um pouco a Libras e a utiliza em sala de aula para se comunicar com os/a estudantes surdos/as. Ela chega junto dos/a estudantes surdos/a para se comunicar e tentar inclui-los/a em algumas ações. De acordo com a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 a Libras é: “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002, p.1).

É fato que podemos alcançar uma comunicação plena com os/as estudantes surdos através da Libras, pois esta é visual-motora, como afirma a referida lei, o que está em consonância com a cultura surda. É muito positiva a ação do diálogo em Libras da professora Penélope, na aula observada, isto pode ser um indício de que essa profissional compreende a cultura surda e a especificidade do trabalho docente com estudantes surdos.

Para tanto, compreendemos, assim como Strobel (2016, p.53) que: a língua de sinais é indispensável na vida das pessoas surdas e no processo educacional, sendo “uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal”.

A presença do intérprete de Libras é outro aspecto relevante no processo educacional de estudantes surdos e esta é de fundamental importância. Nesta direção, Lacerda (2015, p.269) afirma que:

[...] é imprescindível o reconhecimento do profissional intérprete de Libras, que é quem possibilita a comunicação entre surdo e ouvinte, devendo o mesmo ter domínio da Libras e do português, conhecimento das implicações da surdez no desenvolvimento do indivíduo surdo, conhecimento da comunidade surda e convivência com ela.





O trabalho desses profissionais é indispensável no processo educacional inclusivo, pois dão o suporte para a comunicação entre professores e estudantes surdos, além de possibilitar a compreensão dos conteúdos através dos trabalhos de interpretações desenvolvidos. Isto é reforçado por Silva e Oliveira (2014, p. 184), que argumentam: o profissional intérprete de Libras “atua como mediador entre o professor e o aluno, fazendo a interpretação dos conteúdos trabalhados pelo professor para a linguagem de sinais”.

Neste sentido, se faz necessário que professores e professoras exerçam um trabalho de parceria com os intérpretes de Libras, o que favorecerá o processo educacional de estudantes surdos.

As observações realizadas evidenciaram que as práticas docentes desenvolvidas com estudantes surdos universitários apresentam diferentes níveis de aproximação com as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Em duas das situações observadas, verificou-se que a comunicação entre professoras e estudantes surdos ocorreu predominantemente por intermédio do intérprete de Libras, permanecendo a oralidade como principal estratégia de ensino. Embora o intérprete desempenhe papel fundamental na mediação comunicacional, as aulas ainda revelaram a ausência de metodologias específicas e de recursos visuais planejados para favorecer a aprendizagem dos estudantes surdos, evidenciando que a responsabilidade pelo processo inclusivo tende a ser deslocada para esse profissional. Essa realidade demonstra a permanência de práticas pedagógicas marcadas pela centralidade da cultura ouvinte, nas quais as diferenças linguísticas e culturais dos estudantes surdos ainda são pouco contempladas.

Por outro lado, a pesquisa também revelou indícios de práticas docentes mais alinhadas aos pressupostos da educação bilíngue e da perspectiva sociocultural da surdez. A utilização de recursos visuais contextualizados, como imagens e apresentações em slides, favoreceu maior envolvimento dos estudantes durante as aulas. Entretanto, foi na prática da professora que possuía conhecimentos em Libras que se observaram avanços mais significativos, uma vez que a comunicação direta com os estudantes surdos, o acolhimento em língua de sinais e a valorização da visualidade promoveram maior participação e interação.





Esses resultados reforçam que a especificidade da prática docente com estudantes surdos ultrapassa a presença do intérprete de Libras, exigindo planejamento pedagógico, conhecimento da cultura surda, utilização de metodologias visuais e construção de uma relação dialógica que reconheça a Libras como elemento central do processo educativo. Assim, a pesquisa evidencia a necessidade de investimentos na formação docente para que as práticas pedagógicas no Ensino Superior sejam efetivamente inclusivas e capazes de assegurar condições equitativas de aprendizagem aos estudantes surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo alcançou o objetivo de analisar as práticas docentes desenvolvidas com estudantes surdos universitários no curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior privada, a partir das observações realizadas em sala de aula. Os resultados evidenciaram que, embora existam avanços pontuais, as práticas pedagógicas ainda não contemplam plenamente as especificidades linguísticas, culturais e educacionais dos estudantes surdos, permanecendo, em grande medida, centradas na oralidade e na mediação do intérprete de Libras. Tal realidade demonstra que ainda há desafios para a consolidação de práticas pedagógicas que valorizem a visualidade, a Libras e a cultura surda como elementos constitutivos do processo de ensino e aprendizagem.

As observações revelaram, contudo, experiências que sinalizam possibilidades de resignificação da prática docente. A utilização de recursos visuais contextualizados durante a aula da professora Priscilla favoreceu maior atenção e acompanhamento dos conteúdos pelos estudantes surdos, evidenciando que estratégias metodológicas fundamentadas na visualidade podem contribuir para tornar o ensino mais acessível e inclusivo. De maneira ainda mais significativa, destacou-se a atuação da professora Penélope, que, ao utilizar a Língua Brasileira de Sinais para dialogar diretamente com os estudantes surdos, promover momentos de interação e incentivar sua participação nas atividades desenvolvidas em sala de aula, demonstrou





compreender aspectos importantes da cultura surda e das especificidades que caracterizam o trabalho pedagógico com esse público.

Esses resultados permitem afirmar que a efetivação de uma educação superior inclusiva não depende exclusivamente da presença do intérprete de Libras, mas exige professores comprometidos com o planejamento de metodologias, recursos didáticos e estratégias de ensino que dialoguem com as formas visuais de aprendizagem e com as experiências culturais dos estudantes surdos. Nessa perspectiva, torna-se imprescindível investir na formação inicial e continuada dos docentes, ampliando seus conhecimentos acerca da Libras, da cultura surda e das práticas pedagógicas inclusivas.

Conclui-se, portanto, que as práticas docentes com estudantes surdos universitários ainda necessitam ser ressignificadas, superando modelos centrados exclusivamente na oralidade e avançando para uma perspectiva pedagógica que reconheça a diferença linguística e cultural como elemento constitutivo da ação educativa. Espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões sobre a docência no Ensino Superior, incentivando novas pesquisas e reflexões que fortaleçam a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, dialógicas e comprometidas com o direito à aprendizagem e à participação efetiva dos estudantes surdos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 30 maio. 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm Acesso em: 15 maio. 2026.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2023.** Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em:





https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2023/resumo_tecnico_do_censo_da_educacao_superior_2023.pdf Acesso em: 14 ago.2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2024: Resumo Técnico**. Brasília, 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2024.pdf Acesso em: 14 ago.2024.

CORRÊA, A. M. S.; DANTAS, D. S. Percepções e práticas de professores universitários em turmas com estudantes surdos. **Instrumento Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**. Juiz de Fora, v.25, n.1, p.186-206, jan-abr, 2023.

COSTA, M. V. Estudos Culturais e educação – um panorama. In: SILVEIRA, R. M. H. (Org). **Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação**. 2. ed. Canoas: Ulbra, 2011. p. 107-120.

COSTA, M. V; SILVEIRA, R. H; SOMMER, L. H. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de educação**, maio- ago, n. 23, p. 36-61, 2003.

DENZIN, N, K; LINCOLN Y. Sessions. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DORZIAT, A. **O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade, Diferença, Currículo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Coleção Educação Inclusiva).

GUERRA, Avaetê. Pesquisas qualitativas e quantitativas: fundamentos metodológicos e análise comparativa. **NEXUS SCIENTIFIC JOURNAL (NSJ)**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1–18, 2026. DOI: 10.5281/zenodo.20734515. Disponível em: <https://www.nexusjournal.com.br/index.php/nj/article/view/23>. Acesso em: 17 jun. 2026.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LACERDA, C. B. F de. O intérprete de Língua Brasileira de Sinais (ILS). In: LODI, A. C. B. DORZIAT, A; FERNANDES, E. (Orgs.). **Letramento, bilinguismo e educação de Surdos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 247-277.





LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: editora UFMG, 2007.

MOREIRA, A. F. B. Estudos Culturais e educação: algumas articulações. In: SILVEIRA, R. M. H. (Org). **Cultura, poder e educação**: um debate sobre Estudos Culturais em Educação. 2. ed. Canoas: Ulbra, 2011. p. 121-143.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 51-73.

ROMÁRIO, L.; DORZIAT, A. Considerações sobre a pedagogia visual e sua importância para educação de pessoas surdas. **Revista Cocar**, UEPA, Belém, v. 10, n. 20, p. 52-72, ago-dez, 2016. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/963>. Acesso em: 17 jun. 2026.

ROMÁRIO, L.; DORZIAT, A. Cultura surda na escola “inclusiva”? Construção de identidades no encontro pessoa surda – pessoa surda. **Revista Educação e cultura contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 15, n.40, p.317-342, jul-set, 2018. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/3144/47965884> / Acesso em: 27 maio. 2026.

SANTIAGO, S. A. S.; PEREIRA, D. A especificidade do trabalho pedagógico com alunos surdos. In: SANTIAGO, S. A. S. (Org). **Problematizando a inclusão do estudante Surdo**: da educação infantil ao ensino superior. João Pessoa: CCTA, 2015. p. 47-63.

SANTOS, V. L. O. dos. **A organização e implementação de aulas de um professor de matemática para uma aluna surda: um estudo de caso em uma sala de aula numa perspectiva inclusiva**. 2025. 277 f. (Tese de Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, 2025.

SILVA, K. C.; OLIVEIRA, A. A. A. de. O papel do intérprete de libras no processo de aprendizagem do aluno surdo nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 5, n. 2, p. 181 - 190, jun-jul, 2014. Disponível em: sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/download/1494/1101. Acesso em:





12 jun. 2026.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, P. B. da. **Ensino Superior para surdos: o processo educacional na ótica dos Estudos Culturais**. 2018. 134 f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2018.

SKLIAR, Ca. **A educação para surdos entre a pedagogia especial e as políticas para as diferenças**: desafios e possibilidades na educação bilíngue para surdos. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 1998.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2016.

Recebido em: 21/06/2026

Aprovado em: 02/07/2026

Publicado em: 16/07/2026

